

A DESOBEDIÊNCIA  
(OU TEMPO PRA DIZER)  
*peça de teatro*

piero eyben

© 2018 Piero Eyben.

Peça apresentada em:

- Macau, China, durante o TEATRAU – *Mostra de Teatro dos Países de Língua Portuguesa*, entre 09 e 14 outubro de 2018.
- Praia, Cabo Verde, no Festival de Teatro Transatlântico TEATRI, entre os dias 19 e 26 de outubro de 2019.
- Luanda, Angola, na sede do Teatro Elinga, entre os dias 27 de outubro e 04 de novembro de 2019.
- Palmela, Portugal, na sede do Teatro O Bando, entre os dias 01 e 09 de março de 2020.

*O cenário é uma cozinha com decoração colonial, no Brasil contemporâneo. As atrizes cozinham um vatapá e conversam um tanto displicentemente, enquanto esperam a chegada do amigo português.*

JANAÍNA

Você viu ontem que os índios estavam de arco e flecha em frente ao Congresso?

INÊS

Vi não.

JANAÍNA

Eles enfrentavam a polícia.

INÊS

Cadê o dendê?

JANAÍNA

Do lado do forno, mulher. A polícia jogava bombas. Fiquei só pensando... insistir na vida, na nossa vida.

INÊS

*“E eu pensar o sol é a morte do sol”*. Era assim um verso que li ontem do livro que trouxe de Lisboa. (*imitando o sotaque ela diz*: “e dá e tira e modifica as coisas cá e lá fora de nós”).

JANAÍNA

Você não cansa de tentar poetizar o cotidiano. Eu diria isso diferente... Não é por causa do sol que eles têm direito de nos tirar as coisas.

INÊS

acho que você não entendeu o que eu quis dizer. Quero dizer que isso tem um nome que assusta. E que não existe poesia sem cotidiano.

JANAÍNA

os índios apontavam pra cima suas flechas e as fotos tiradas os cobriam de fumaça e gás. Eles olhavam para o sol, mas estavam cansados. Você pensando em Lisboa como se essa fosse uma solução.

INÊS

o exílio é sempre uma solução quando o dia fica amargo.

JANAÍNA

toma a castanha. *(faz uma pausa, irônica)*. Queria ver você viver sem castanha.

INÊS

Olha, eu tô aqui mexendo esse negócio. E não tem como não pensar nos cheiros todos que senti saudade.

JANAÍNA

pois. Quem era esse poeta?

INÊS

aquele livro ali, sobre a mesinha.

JANAÍNA

o que me incomoda nesses portugueses é que eles comem as sílabas todas, enquanto a gente sabe degustar uma pimenta. *(passa a pimenta)*. E é dessa pressa que vem nossa diferença toda. Eles usam armas de fogo, nós a rede.

INÊS

não é ainda o que quis dizer. A gente nunca sabe se volta ou se fica. E isso nos une, não? Bota uma música aí... Eu tô te levando a sério... só acho que a gente também tem que levar a sério essa forma de protesto. Não “tem os pássaros certos para seguir a queda dos dias entre o meu tempo e o teu”?

JANAÍNA

sim, a língua é uma questão de tempo. E pra viver isso precisamos mesmo cruzar um ou dois oceanos. “Se é para me dar / dou-me de graça por conta disso”.

INÊS

então só repete o verso no nosso tempo... só acho que as memórias têm seu tempo próprio...

JANAÍNA

Você conhece aquela história dos Hupd’äh sobre a gente-sombra? O encontro de um Hup num igarapé com um homem-sombra que cantava as músicas lá dele... O homem é capaz de prender os cantos do homem-sombra... depois de cair da árvore, ele é

mordido por um jacaré... e ele dizia... “Outro galho de cucura / Outro galho de cucura / eu jogo para baixo”...

INÊS

acho que não entendi...

JANAÍNA

é o indígena quem derruba o homem-sombra com um facão... e na queda ele canta. Isso não tem igual. O nosso tempo de dizer é assim mais complicado do que parece. Essa distância entre nós, que a gente acaba roubando deles.

INÊS

roubar é um modo de amar também.

JANAÍNA

só que o amor não carrega tijolo.

*(pausa, olhar um pouco perdido de Inês)*

INÊS

Sim, quando eu tomei aquele avião pra Lisboa, você não estava lá. Eu fiquei imaginando se você viria. Eu olhei de volta na fila de embarque. Você tinha a passagem e não foi. Pior. Tinha uma mensagem que só pude ouvir quando já tinha pisado em Lisboa. Fiquei te ouvindo depois, algumas semanas.

*(toca mensagem, num outro tempo: Inês, eu não consigo... a nossa vida aqui é outra coisa. Essa sua viagem sempre foi sua, eu apenas segui. Quero que você consiga o papel. Não precisa pensar em nada mais. Eu sou aquela que olha daqui, ok? Você tá livre.)*

*(fingindo se recompor)*

Você chamou o Manu pra hoje?

JANAÍNA

Eu não gosto que não tenhamos resolvido isso. Já faz uma década que isso aconteceu... e você fica com essa... Chamei, ele ficou de confirmar... Mas você o conhece mais, devia ter ligado pra ele...

INÊS *(baixo, meio de lado)*



Eu aprendi outra língua. Era a mesma, mas foi outra.  
*Bué* outra. Acho que você não tinha entendido que eu gostava de ti.

JANAÍNA

Hmmm... acho que você não entendeu que eu gosto de você.

INÊS

Jana, eu sei o que você demonstra, não o que você sente. Eu senti saudade e a saudade não é uma coisa simples. Você não me fez falta apenas. Eu me senti com um dor de tempo. Um tempo que não volta e porque ele não volta é que sentimos saudade. É uma dor que nos deixa estrangeiras para sempre, porque mexe com dois tempos que se encontram no presente.

JANAÍNA

Peraí... o presente é a gente aqui. A gente não tá junta aqui, Inês? Eu me sinto feliz com você.

INÊS (*interrompendo*)

Você tem muita certeza. Eu ficava lendo o Ruy Belo, têm esses versos que lia errado: *Invento-te e o céu*

*azula-se sobre esta / triste condição de ter de receber.* Eu dizia sempre *ter de te receber*. Ouvi o Manu recitando pra mim uma vez... ficou na minha cabeça e não conseguia não pensar no meu lapso. Eu comecei a chorar e ninguém entendeu.

É isso a minha saudade: eu te recebo e você é minha invenção.

JANAÍNA

A invenção é a viagem. Eu continuei aqui, te esperando. Enquanto você não entender isso, tudo vai ficar mais difícil.

INÊS

*(coloca a música “Ausência”, de Cesária Évora. Janaína começa a cantarolar)*

*Pa onde bai...* você canta lindamente. Mas acho que finge não entender. Quero dizer que você é – e era – meu futuro no passado.

JANAÍNA *(meio dançando, entrega o amendoim para Inês)*

A gente tem a vida pela frente e tenho poucas certezas na vida. Você é uma delas. O que mais você quer que

eu diga? Eu também senti saudade. Fiquei aqui porque o papel no filme era seu. Eu não queria criar um mundo que sei que não era o meu. Eu achava que você precisava viver isso, sem distrações. E, sim, eu penso que poderia ser uma distração pra você. Viver no mesmo meio é duro às vezes, a gente tem que aprender a ceder. Ficar lá fazendo testes com você não era meu interesse. Eu queria fazer teatro, não cinema. Eu quero fazer teatro aqui, no Brasil, com assuntos do Brasil.

INÊS

Vou ligar pro Manu.

JANAÍNA

Espera... eu quero te dizer isso... as coisas podem ser mais simples. E não tô te pedindo pra voltar a ser o que eram. Nós vivemos essa experiência juntas. Quer dizer, eu também estava te esperando.

INÊS

Eu te esperei no aeroporto.

JANAÍNA

Desculpa, desculpa, desculpa. Mais mil vezes. Mas eu não gosto de despedidas.

INÊS

O que estou dizendo é isso: vivemos de despedidas e você não estava lá.

JANAÍNA

O que isso garante? Para mim, a minha palavra e todos os meus outros gestos contam mais.

INÊS

Você entende que eu não duvido do seu amor, né? Minha questão mesmo é que a gente não possa mais compartilhar a mesma língua. Aprendi outra língua com Manu, porque era ele quem estava lá pra me dizer que atravessar o oceano *era um ato de desobediência*. Ele me enviou por Whatsapp aquele poema do Nuno Júdice, sobre a Inês do Pedro...

*(mensagem de voz, em português lusitano, lê o poema)*

*Em quem pensar, agora, senão em ti? Tu, que  
me esvaziaste de coisas incertas, e trouxeste a  
manhã da minha noite. É verdade que te podia  
dizer: “Como é mais fácil deixar que as coisas*

*não mudem, sermos o que sempre fomos, mudarmos apenas dentro de nós próprios?” Mas ensinaste-me a sermos dois; e a ser contigo aquilo que sou, até sermos um apenas no amor que nos une, contra a solidão que nos divide. Mas é isto o amor: ver-te mesmo quando te não vejo, ouvir a tua voz que abre as fontes de todos os rios, mesmo esse que mal corria quando por ele passámos, subindo a margem em que descobri o sentido de irmos contra o tempo, para ganhar o tempo que o tempo nos rouba. Como gosto, meu amor, de chegar antes de ti para te ver chegar: com a surpresa dos teus cabelos, e o teu rosto de água fresca que eu bebo, com esta sede que não passa. Tu: a primavera luminosa da minha expectativa, a mais certa certeza de que gosto de ti, como gostas de mim, até ao fim do mundo que me deste.*

*(a mensagem termina com: Gosto muito de ti, garota)*

Eu fiquei com a voz dele me dizendo aquilo. Logo quando o conheci e não parava de falar da saudade que tinha de você. Ele dizendo no final... *Gosto muito de ti*. Demorei pra sacar que isso queria dizer que ele, naquele momento, era meu amigo.

JANAÍNA

Percebe que você não teria vivido isso comigo lá?  
Você citando o português... eu vou ficando com o  
Oswald. Aquele poema “fabulário familiar”:

*Se eu perdesse a vida*

*No mar*

*Não podia hoje*

*T’a ofertar*

*Os nevoeiros, as forjas, os Baependis*

É desse jeito que gosto. Você sabia que Baependi quer  
dizer “rio do monstro marinho”? Essa sutileza toda  
(*repete os dois primeiros versos*) para dizer que te  
ofertaria um monstro do mar num rio.

INÊS (*mexendo com os camarões*)

Sim, tudo isso como um monstro do mar.

JANAÍNA

Talvez a gente devesse fazer uma viagem...

INÊS

Agora... você está em cartaz...

JANAÍNA

Digo, combinar uma viagem... do outro lado do mundo.

INÊS *(tenta ligar para Manu. Ele não atende e ela deixa uma mensagem)*

*Oi, sumido... Janaína e eu queremos saber se vens sempre. Faz duas semanas que você chegou e a gente não se viu ainda. Diz que vem. Beijinho grande.*

Ele não atendeu... você falou com ele por telefone? Queria muito que ele viesse hoje.

E, sim, sim, para a viagem. A gente podia se perder por aí...

JANAÍNA

Acho bonitinho que você guarde essas expressões... falei sim. Anteontem, quando voltava do teatro, ele me ligou.

INÊS

Fiz de novo?

JANAÍNA

Você faz isso toda hora... (*rindo*)... Eu estava cansada dos ensaios e ele queria que saíssemos aquela noite. Mas...

INÊS

Ele tá aqui, Jana. Ele sempre foi muito acolhedor comigo. A gente tem que responder quando ele chama.

JANAÍNA

Não precisamos sair sempre que ele diz *Posso ir ter contigo?*

INÊS

Ah. Contigo... (*ela diz mais baixo*) ... eu acho que sim... ele é estrangeiro, somos as pessoas que ele conhece aqui. E me inquieta não vê-lo. O mínimo cuidado com quem já esteve tanto aqui.

JANAÍNA

Esteve? Não para de mexer... vai embolar. Ele está o tempo todo nas nossas conversas, Inês. E eu não falo por ciúme, mas porque estou cansada. É muito trabalho pra levantar essa peça.



INÊS

Parece que você gosta das pessoas assim, à distância.

JANAÍNA

Não... *“Eu choro sempre quando a vejo na rápida visita de saudade comum”*.

INÊS

Eu gosto de você por perto. Não dou conta da distância. Sinto saudade. E isso vem com os amigos também. Seria bom que ele estivesse aqui para sentir esse cheiro, não seria?

JANAÍNA

A gentileza desatenta do homem cordial. (*Pega o “Raízes do Brasil”*). Deixa eu te reler essa passagem: *“espécie de mímica deliberada de manifestações que são espontâneas no ‘homem cordial’: é a forma natural e viva que se converteu em fórmula”*. Os séculos de dominação masculina, de estupro colonial, nos impôs essa carapaça. Eu sou por inventarmos a figura da mulher que não precisa desses arroubos do coração deliberado.

INÊS

Eu não estou deliberadamente sendo gentil, Janaína. Só acho que temos que ter cuidado quando *ninguém está prestando atenção*. Um convívio não é uma deturpação assim. Acho que o Manu não é um homem cordial, ele não é nem mesmo brasileiro. E eu, bem, você sabe que eu não sou um homem.

JANAÍNA

Ele vai aparecer... se quiser.

INÊS

Você já recebeu o texto finalizado da peça? Fico pensando como você pode lidar com um personagem pela metade. Me acostumei a trabalhar com tanto método que me apavora pensar em voltar pro teatro e não ter o texto lá.

JANAÍNA

Mas no filme também não teve aquele problema com a produtora que não fechava os contratos?

INÊS

Sim, mas aí era dinheiro internacional. Três países dando conta do filme... e tínhamos o texto e toda a preparação. Embora não ache que tenha dado o meu melhor.

JANAÍNA

Ah... você está excelente... sobretudo na cena do “*gostava muito de si quando éramos pequenas*” (*tentando, sem sucesso, imitar o sotaque*). E aí vem aquele gesto dos dedos no cabelo (*imita*). Uma personagem forte no seu corpo.

Mas o texto vai chegar... eu fico pensando que é como a vida. A gente se constrói nesse paradoxo de não saber o próximo passo.

INÊS

É... eu não sabia o próximo passo. Só pensava na tal da desobediência. E em como as coisas estariam. Viver a pele de uma poeta em Angola, sendo outra, tendo meu sotaque, adequando minha língua que estava tão cheia de segredos.

JANAÍNA

Mas é isso mesmo... quando confesso um segredo, sei que está em mim, mas ele não é meu. É uma herança do outro. O que fazemos não é isso? Confessar um segredo nosso que, no entanto, é de um outro. Todo o trabalho da atriz. É aí que que tenho a impressão que essa personagem será a que talvez me diga algo que eu nunca diria.

INÊS

Como um *até logo?* (*silencia um pouco*).

JANAÍNA

Não. Como se eu fosse uma velha, que teve um filho único e que o perde pra polícia e tenta aquietar a poeira com o pé.

INÊS

“Divide comigo os intervalos da vida. Depois parte.” Mas eu te vi naquele monólogo que você falava de si, falando da morte do seu avô. Não tem como não tomar aquilo como seu e, ao mesmo tempo, de cada um ali. Você é foda.

Quando estava filmando “Ex-voto”, acho que fui essa mulher. A rapariga de corpo tatuado entre Angola e Europa, que sonhava com o filho perdido pras

guerras.

JANAÍNA

Você foi. Mas é diferente uma guerra colonial, civil; de uma perda no cotidiano em que não há ninguém em estado de guerra declarada, não?

INÊS

Nós não estamos em guerra declarada?

JANAÍNA

Essa é a hipocrisia que está em jogo.

INÊS

Quando estava em Lisboa, todo mundo me perguntava: mas o que se está a passar com o Brasil? Eu dizia: a guerra que vocês não nos deram.

JANAÍNA

Eu concordo com você, mas vê aí toda essa história... como isso atinge uma mulher com seu filho único? Quero dizer: como ela teria consciência disso? Ela tá preocupada em dar de comer a ele... em fazê-lo

crescer com certa segurança... em suprir o pai que o abandonou. Existe aí, em mim, um sonho de resistência.

INÊS

Sim, sim a promessa de novos pastos... de um segredo que só posso dizer na minha língua. Fico sentindo isso tudo como se fosse aquela dor fantasma. O membro amputado que insiste em ficar ali, numa dor crônica.

JANAÍNA

O que resiste em mim ainda é ter de ouvir que 12 mulheres são mortas por dia, que 135 são estupradas, por dia. Nossos corpos estão expostos a isso, diariamente.

*INÊS (se lembra dos versos da sua personagem no filme, na verdade, um trecho do poema da Paula Tavares – recita em português de Angola)*

*Uma mulher oferece à noite  
o silêncio aberto  
de um grito  
sem som nem gesto*

*apenas o silêncio aberto assim ao grito  
solto ao intervalo das lágrimas*

JANAÍNA

Você voltou na noite da morte da Marielle... e eu não conseguia parar de chorar. Eu não podia te ligar.

INÊS

Esse corpo sem palavras. Eu vinha pensando no voo de volta. Tava pensando que o que queria era um corpo sem palavras. Aí vem essa tragédia.

JANAÍNA

Sim. Quando tragédia e democracia se juntam, só produzem um filho único: a guerra civil.

INÊS

Acho que não vou me recuperar dessa morte, de mais essa morte.

*(recebem uma mensagem de voz de Manu: Querida, posso ir ter convosco. Estou a esperar a Joana que chega hoje e faz que vem chuva grande para o fim da tarde. É*

*pena não estar p'ra participar do cozimento convosco.  
Beijinho grande.)*

JANAÍNA

É por isso que queria ser essa mulher da peça. Porque sei que, mesmo amanhã, posso não estar viva... *(se aproxima dela, mais docemente, para mudar o assunto que pesava o ambiente)*. Estou louca para conhecer a Joana. Acho ousado insistir em ser editora *(com ênfase no feminino)* de poesia ainda hoje.

INÊS

Mas editora de poesia em Portugal funciona mais do que no Brasil.

JANAÍNA

Você não acha estranha essa mensagem de voz?

INÊS

Confesso que estou inquieta com esse encontro. Não nos vemos desde março. É como se houvesse uma quebra no espaço. Fico pensando em como encontrar um lugar pra ele na minha vida agora.



JANAÍNA

Vamos tentar fazer disso algo natural. Quando fui te ver e o conheci, não senti nenhum desconforto. Ao contrário. Foi amor à primeira vista.

*(riem)*

INÊS

É desses tempos que falo sempre com você. Lisboa, Angola, Brasil. Você, o Manu. Você aqui, você lá. Ele aqui. Uma língua vinda de alhures. Eu ainda não entendo.

JANAÍNA

Acho que não é para entender mesmo. E esse não pertencimento a lugar nenhum constrói a nossa fidelidade...

INÊS

Acho que essa é uma das coisas que mais amo em você. Às vezes, você tem palavras precisas pra dizer coisas tão difíceis. Eu desmonto muito e você está lá. Eu fico esperando, como se o dia não fosse suficiente.

JANAÍNA

Nem tudo está guardado na ponta da língua. Eu também espero para dizer as coisas. Mas, ao mesmo tempo, tenho uma vontade louca de dizer. Então começo um personagem. E a cada vez que penso em construí-los, penso também em como isso cabe na língua. Como a Joana, que não tenho uma imagem, mas a imagino. Isso passa por uma fidelidade entre o que sinto – pelo que você já me contou e pelo que já sou eu.

INÊS

Me lembro de caçar poemas pra você naquela outra língua. Poemas que pudessem te tirar dos trilhos. Alguns ruídos na sua voz. Mas eles viam pro vozes de outros e já não sentia o ruído.

JANAÍNA

E se eu tentasse te ler alguma coisa. Gostava de quando lia pra mim por Skype.

*(um amontoado de poemas ditos e sobrepostos depois do barulho da chamada do programa)*

Era a música que eu precisava ouvir a cada vez. Isso me colocava lá e me mantinha aqui.

INÊS

Mas você dizia que não queria ser a personagem do filme. E ela é exata a mulher que você descreve.

JANAÍNA

Não é exata porque cada canto tem sua singularidade. Os desejos em Angola não são os desejos no Brasil. A gente delira de outro jeito.

INÊS

Entendo. Ao mesmo tempo não há maior partilha no mundo do que o segredo que nos dizemos. Digo, entre as mulheres. Justamente porque não dizemos, pelo que não dizemos. Numa espécie de evocação mais antiga. Era aquele poema que te li: *“Somente as coisas tocadas / pelo amor das outras / [faz uma pausa] têm voz”*. Como elas podem dizer isso, assim? Hoje?

JANAÍNA

Pois é. Mas é um segredo que ainda não podemos ouvir bem. Talvez toda essa língua passe pelo corpo.

*(cortando gengibre, o cheiro do gengibre precisaria tomar o ambiente).* Aí sim temos um corpo próximo, mas já outro. A mesma língua, dita de outro modo. Uma língua outra, dita de modo próximo.

INÊS

Essa distância toda é assustadora, não? Eu quase perco o ar.

JANAÍNA

Só não deixa embolar. *(apontando pro vatapá).*

INÊS

É dessas vezes que a realidade machuca. Como se o que estivesse gravado no meu corpo não fosse nada além de cicatrizes deixadas pelo destino.

JANAÍNA

Não sentimos todas isso de algum modo? Com mais ou menos raiva. Com mais ou menos ternura. E quando deitamos de bruços, essa cicatriz se vai construindo a cada noite. Como dizia a Hilda: *“Eu-alguém travestida de luto”*.

INÊS

Sinto que não fiz o luto correto dessa viagem. Ela me aparece em sonho, ela me desloca o dia. Ela me interrompe às vezes como se a realidade não fosse suficiente. E sei que existe algo aí que é muito forte. Que vai durar.

JANAÍNA

Nada que é importe pouco dura. Daqui a pouco eles chegam, e começa uma nova etapa desse luto. Sentar à mesa e tentar viver.

INÊS

Deixa eu te dizer uma coisa: nunca duvide do que sinto por você. É que eu às vezes guardo tudo pras personagens. Recorto, esboço, elaboro. Como se a vida inteira estivesse lá. E isso aqui não é uma peça de teatro.

JANAÍNA

Se eu fosse dizer... (*silêncio constrangedor*)... diria: só existimos no teatro. Nada está guardado. Mesmo quando você esteve distante, mesmo agora que ainda traz os tiques do outro sotaque, não perdi de vista essa

nossa existência aqui. Parece que fomos feitas para estar exatamente aqui. E juntas, aqui. Eu nunca vou sair do teatro.

INÊS

E eu fazendo um filme, essa arte da espera. Saí correndo atrás do meu sintoma, acho. E por mais que tenha me dito que o papel deveria ser meu, eu não posso aceitar. Eu queria existir para fora do texto.

JANAÍNA

*(interrompendo)* Mas não é apenas o texto. Tudo se constrói como se fôssemos esse amontoado de engrenagens de carne.

INÊS

Mas ao mesmo tempo, dentro dessa recusa que me impõem os outros, sinto-me reduzida no que existe em mim como indivíduo. Há um abismo entre mim e minha responsabilidade. É o que queria dizer... estou tentando ser *duas* no amor. Ser com *você*.

JANAÍNA

Amor, o tempo percorre seu caminho, ele escorre como a pele. E é mesmo de suor que se trata. Por isso não houve separação para além da que já existe. Nós somos duas e decidimos compartilhar.

INÊS

Sim... como estar em dois países, que falam a mesma língua, só que não.

JANAÍNA

Isso... sem deixar que nos esqueçam. Para não deixar que nos coloquem na amarrada disputa entre Vênus e Baco. Aquela colorindo de belas feições um choro apenas fingido; este, o que chora de incontidas lágrimas por saber da derrota para um povo “*que quasi todo o mar têm destruído / Com roubos, com incêndios violentos*”.

INÊS

Me lembrei de um sonho que tive essa noite. Estava chovendo muito e eu tinha perdido a memória. Eu tava sentada numa sarjeta qualquer, sem saber porque estava ali. As calçadas eram feitas de pedra-sabão e numa delas eu via um rosto que não sabia se era o meu. Não entendia mais o que era reflexo, nem me

lembrava de ter um rosto. Eu toco a pedra e a imagem se apaga. Quando tento chorar uma mão desconhecida me toca as costas. Eu me viro e tem uma multidão me olhando. (*silêncio*). Não sei se moro ali, mas coloco a mão no bolso do meu casaco e encontro umas chaves, um maço de cigarro e meu passaporte todo amassado.

JANAÍNA

Gosto desses paradoxos dos seus sonhos. Não reconhece o reflexo, reconhece o passaporte.

INÊS

Não reconheci de imediato. Eu o abri e na última página tinha o seu nome, posto a lápis. *Em caso de acidente, avisar a Embaixada ou o Consulado do Brasil mais próximo e a pessoa abaixo indicada: Janaína Queirós.* Eu me lembrei de você.

JANAÍNA

*De um sonho nasce outro sonho.* Onde mesmo li isso? Com toda essa história de conviver com estrangeiros todo o tempo, fico me perguntando sobre essa trégua do corpo que, do mais íntimo, rouba o amor.



INÊS

Talvez fiquemos estranhas quando partimos e não há nenhuma possibilidade de retorno. Mas ainda é a minha memória que ficou prejudicada, como se estivesse deslocada para sempre. Você quer dizer que acabei por amar o estrangeiro?

JANAÍNA

Sim, como amar o estrangeiro? Passando na rua, às vezes sinto que o outro é sempre estrangeiro pra mim. Ele me convoca a amá-lo, mas não há nada nele que seja absoluto. Tudo parece um sonho tumultuado em que há sempre um inimigo que, no entanto, eu amo.

INÊS

Pois não sei como contar desse refúgio... também sinto que alguma coisa escapa nesse tumulto... mas você não é minha inimiga.

JANAÍNA

Não se trata de uma inimizade qualquer, mas de uma distância que está aqui, que sempre esteve aqui. Não é de cruzar o oceano ou viver outras experiências. É de

cruzar a rua, acordar ao seu lado e não ser o seu corpo.

*(recebem uma mensagem de voz de Manu: Menina, estou aqui às voltas com o Cabral de Melo Neto... que poeta!... deixa eu te ler um fragmento bonito: (tentando reduzir o sotaque português, lê pausadamente o poema)*

*Memória exterior ao corpo  
e não da que de dentro aflora;  
E que, feita que é para o corpo,  
carrega presenças corpóreas.*

*Pois nessa memória é que ela,  
inesperada se incorpora:  
na presença, coisa, volume,  
imediata ao corpo, sólida,*

*e que ora é volume maciço,  
entre os braços, neles envolta,  
e que ora é volume vazio,  
que envolve o corpo, ou o acoita:*

*como o de uma coisa maciça  
que ao mesmo tempo fosse oca,  
que o corpo teve, onde já estive,  
e onde o ter e o estar igual fora.*

INÊS

Isso parece um sinal. Fico sempre embasbacada com o *timing* do Manu. E não é só da presença, mas olha o que diz o texto?

JANAÍNA

Dessas ausências que não deixam de se presentificar, né?

INÊS

Dessas ausências que a gente acaba cortando uma cebola pra fingir que não está chorando por elas.

JANAÍNA

Lágrimas reflexivas ao enxofre...

INÊS

Lágrimas confusas de quando se tem algo engasgado, de quando se espera algo que não se sabe bem o que é. Do que não virá, como se metessem uma camisa sobre meu corpo para cobri-lo ainda mais com uma camada.

JANAÍNA

Só os objetos não dizem nada, menina. Atribuímos a eles um mundo onde os sentidos ficam guardados e depois nos inundamos de suas memórias. Sempre preferi reter as formas da carne, as dimensões dos corpos, o movimento dos gestos, as palavras que ouvi, mesmo que por poucos segundos.

INÊS

Ou sempre preferiu se conter, reter as lágrimas porque elas transbordam. É uma forma de inundar o espaço público com o que nos é íntimo. Um mundo privado que ultrapassa o espaço doméstico é muito mais do que apenas nossa ocupação nas ruas. E eu preferiria que não precisássemos escondê-las.

JANAÍNA

Mas eu me lembro das suas lágrimas. Elas são gestos pra mim. Elas são o seu corpo. Quantas não foram as vezes que as sequei com meus dedos?

INÊS

Já não sei o que são esses objetos que me lembro, quais são seus rastros. Eis que tudo passa por essas fronteiras. Lisboa e Brasília. Área de embarque vazia. Estou a capitular alguma coisa. São as lágrimas mais importantes, as que se derramam num voo entre duas línguas.

JANAÍNA

Te dei mais do que uma presença fugaz. Eu te olho ainda. E não sou sua espectadora. Eu te vejo através da sua língua, mesmo quando ela me fala num outro sotaque, mesmo quando ela está em Angola ou melhor no Miradouro da Graça. O que eu tentei foi sempre te tocar com os olhos.

INÊS

Tudo o que eu queria era tocar. Tocar mesmo, sem ser vista. O que quer dizer que queria ser tocada, e ser invisível.

JANAÍNA

Talvez você ainda não tenha visto que tenho uma língua nua, que não sou apenas uma voz mecânica que soa de longe.

INÊS

Parece que percebo e continuamos juntas e meu corpo pede que façamos uma partida juntas. Queria te tocar em outro português. E ver se essa espera cessa.

JANAÍNA

Que tal uma viagem para Macau? Outro lado do mundo, ainda em português.

INÊS

Ah! Tenho no meu tablete um poeta de lá... deixa eu ler pra você.

JANAÍNA

Você já pensava nisso...?

INÊS

É o Lin Yufeng, que li numa antologia...

*(uma voz mecânica recita o poema)*

*Não há lágrimas nem é preciso dizer adeus*

*e a vida tem que começar pelo fado a  
tremer no banquete de despedida  
Quando a canção ainda não chegou ao fim  
o par clandestino já tinha esgotado o vinho  
no copo  
trocando um olhar vermelho  
Para guardar esta noite  
temos de fazer amor debaixo do oleandro  
como se fosse uma cena do velho filme sobre  
amor e guerra  
A história pode realizar-se assim  
tal como um ciclo infundável de invasão e  
evacuação*

Não é que tinha pensado, mas me caiu nas mãos...  
enquanto fazia o filme e, acho, nunca te mostrei.  
Trata-se mesmo disso: *não ser vista mas ter sido tocada.*

JANAÍNA

E ainda isso quer dizer ter tido uma história. Ter sido  
partícipe da história.

INÊS

Mas de forma particular.

JANAÍNA

Toda história começa com um ponto de vista particular. Se resolvo contar o que eles chamam de história universal, não tem como não dizê-la senão do lugar onde a gente parte.

Quando vou partir, os índios vêm comigo.

INÊS

O problema é saber de onde se parte. Quando eu voltei, vim com eles no colo.

JANAÍNA

Mas é isso a sua origem?

INÊS

Partidas são feitas de despedidas. A gente vai deixando pra trás as coisas, a gente não guarda nada. Essa demora que faz o tempo.

JANAÍNA

Tudo é ruína, amor.

INÊS



Será que os índios também sentem saudade? Eu sinto.

*(Inês se retira da sala. A luz se esvanece.)*

FIM